

Sobre cronópios

Francisco de Barros e Silva

O tempo brinca com os cronópios. Joga-lhes uma bola e os cronópios correm atrás da bola que lhes joga o tempo. E voltam alegres como quem não espera recompensa. Correm, pegam, voltam. Se não pegam o que houve do tempo, voltam sem correr. Mas, se não correm, não voltam cronópios, pois o tempo se foi. Voltam matéria de tudo que existe sem os modos do cronópio, como cães que o imitam por desejarem sonhar, porque são eternos sonhadores.

Os cronópios estão para a beleza assim como o artista está para o sonho – e não para a tela. Atentem para a diferença: apenas parte da cabeça de um cronópio ultrapassa a superfície, e mesmo assim para sonhar, porque os cronópios decorrem dos sonhos. E se dos sonhos tudo decorre – a estrada, a porta, a mesa – cronópios decorrem dos sonhos que de outros sonhos decorreram. Talvez como a poeira, a chave ou o alimento, postos para a estrada, a porta e a mesa. Mas ainda assim os cronópios decorrem além, como sonho fundamental de outro sonho, como o caminho, a passagem, a fome, vistos na perspectiva da poeira, da chave, do alimento.

Enfim, ser cronópio não se ensina nem pela poesia nem como erudição. Cronópio se apreende como se pensamento, que está ainda quando passe. E segue cronópio, ainda que se esqueça e saia correndo de vez em quando, atrás de uma bola.

